

NADA A ESCONDER: A NUDEZ DO CORPO E DA ALMA NA OBRA DE NELSON RODRIGUES

NOTHING TO HIDE: BODY AND SOUL NAKEDNESS IN NELSON RODRIGUES'S WORKS

Adriano de Paula RABELO*

Resumo: A nudez e o desnudamento são aspectos da criação literária de Nelson Rodrigues que estão associados, respectivamente, a duas *personas* públicas que ele cultivou como artista, a do “reacionário” e a do “tarado de suspensórios”. Também se ligam ao arcaico e ao moderno, forças que estão em tensão permanente em suas obras, tensão essa que jamais se resolve. Este artigo analisa como esses dois aspectos encontram expressão na obra do escritor. Analisam-se textos escritos em diversos gêneros explorados por Nelson Rodrigues, traçando também um panorama da relação das sociedades ocidentais com a nudez e examinando como ele pratica o desnudamento de seus personagens, de seu público e de si mesmo como estratégia literária.

Palavras-chave: Nudez; desnudamento; Nelson Rodrigues; arcaico e moderno.

Abstract: Nakedness and denudation are aspects of Nelson Rodrigues's literary creation associated, respectively, with two public *personas* he cultivated throughout his career as an artist: the “reactionary writer” and the “suspenders-wearing pervert”. They are also linked to archaic and modern forces that are in permanent tension in his works – a tension that is never resolved. This article analyzes how these two aspects find expression in the author's work by examining texts written in various genres explored by him. Moreover, it outlines the relationship between Western societies and nakedness, while investigating how Rodrigues carries out a denudation of his characters, his audience, and himself as a literary strategy.

Keywords: Nakedness; denudation; Nelson Rodrigues; archaic and modern.

* Universidade Federal de Kazan, Rússia, doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, adriano.rabelo@alumni.usp.br, <https://orcid.org/0000-0002-2747-6186>.

Introdução

A nudez era uma das maiores obsessões cultivadas pelo escritor obsessivo que foi Nelson Rodrigues. Suas fixações, que contribuíram em grande medida para a fama do personagem público que ele criou para si, compõem o cerne de sua temática nos variados gêneros literários que praticou.

Se a interdição da nudez do corpo no espaço público está relacionada ao processo civilizacional, à constituição das relações sociais e à própria diferenciação entre nós e os outros animais, a exacerbação desse tabu a ponto de ele extrapolar para o espaço da intimidade, fazendo com que o corpo nu seja visto como repulsivo ou mesmo perigoso, faz parte do código de moralidade patriarcal-burguês que se constituiu ao longo do século XIX. Esse sistema de valores, que passou a ser questionado e subvertido onde quer que tenha havido processos de modernização, está sempre no horizonte dos personagens de Nelson Rodrigues, que se guiam por ele, mas quase sempre o extrapolam no embate com a realidade. Isso acontecia com o próprio Nelson, que gostava de se definir como uma “múmia” ou um “reacionário” por cultivar preceitos que estiveram em voga em tempos longínquos, fora de moda após a modernização dos centros urbanos brasileiros. Contudo, tinha dificuldade em agir coerentemente, por exemplo, com a fidelidade conjugal ou o amor eterno por uma mesma mulher, tema de várias frases de efeito que cunhou. Por outro lado, e mais importante que isso, ele foi, como escritor, o revolucionário que modernizou o teatro no Brasil.

Em seus trabalhos, a nudez aparece muitas vezes como transgressão que rompe o contrato social, desencadeando a perdição daqueles que nela incorrem, os quais devem ser punidos. Quanto ao desnudamento, ele está no cerne da grande arte praticada pelo autor. Se em seu propalado reacionarismo Nelson costumava expressar um enorme pudor da nudez corporal, no plano da criação estética ele não fez outra coisa senão desnudar a humanidade profunda de seus personagens, por meios dos quais expunha a nudez dos afetos e das paixões de cada um de nós. Chegou mesmo a praticar o próprio desnudamento em suas memórias e crônicas confessionais, nas quais expunha em si mesmo o patético da condição humana. Se o escritor se mostrava horrorizado diante de um corpo nu, até hoje há quem se incomode com a sua forma de nos fazer ver a nossa própria interioridade desnuda.

Breve panorama cultural em torno da nudez no Ocidente

Em seu texto “Sonhos embaraçosos de estar despido”, Sigmund Freud analisa o momento na narrativa bíblica do *Gênesis* em que o primeiro homem e a primeira mulher conheceram a vergonha, momento esse estreitamente relacionado à nudez. Adão e Eva viviam nus no Paraíso, sem que se envergonhassem da visão de seus corpos despidos. O criador da psicanálise compara a inocência do primeiro casal àquela da infância, quando as crianças não se sentem constrangidas por estarem desnudas diante de outras pessoas:

Quando voltamos os olhos para esse período isento de vergonha na infância, ele nos parece um paraíso; e o próprio Paraíso nada mais é do que uma fantasia grupal da infância do indivíduo. Por isso é que a humanidade vivia nua no Paraíso, sem que um sentisse vergonha na presença do outro (Freud, 2000, p. 174).

Porém a vergonha da nudez passou a ser sentida quando Adão e Eva comeram do fruto do conhecimento do bem e do mal, ato que resultou em sua expulsão do Paraíso. O conhecimento que adquiriram, segundo Freud, marcou o início da sexualidade, das construções da civilização e da cultura, e da necessidade de trabalharmos para “ganhar a vida”. A partir de então, a vergonha teria passado a fazer parte da experiência humana neste mundo nada paradisíaco.

O código de moralidade que rege a relação de Nelson Rodrigues e de seus personagens com a nudez é facilmente identificável. Trata-se da moral patriarcal-burguesa que se formou após a queda do Antigo Regime na Europa, estabelecendo-se e firmando-se ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Esse código de moralidade sustenta-se, em grande medida, no mito judaico-cristão da queda do Paraíso tal como analisado por Freud. Sua derrocada começa com os processos de modernização por que passaram diversos países, tanto no Velho quanto no Novo Mundo, completando-se com as revoluções nos costumes ocorridas na década de 1960.

Antes da ascensão da burguesia, havia um controle bem menos rígido da exposição da nudez corporal. Em *História do pudor*, Jean-Claude Bologne (1986) relata que, no século XVII, aristocratas parisienses tinham o hábito de se banhar no rio Sena, às margens do qual ficavam completamente nus, sem pejo de serem vistos por quem passava por ali. O próprio monarca, Luís XIV, costumava receber convidados em pleno banheiro,

enquanto defecava. E, no século XVIII, a marquesa Émilie du Châtelet, dama de grande prestígio social e intelectual na época, tomava banho diante do seu criado.

Houve outros períodos históricos em que a nudez era vista como pecaminosa e perigosa. No alvorecer da Idade Média, por exemplo, São Jerônimo, influente doutor da Igreja, recomendava que nenhuma mulher virgem adulta devia tomar banho, devendo também sentir vergonha da própria nudez. Ao longo daquela época, em muitos lugares, considerava-se que nem mesmo os cônjuges podiam conhecer a nudez um do outro, pois ela podia induzi-los à prática da luxúria, um pecado capital. Era comum que o sexo fosse realizado com a mulher por baixo, cobrindo-se o seu corpo, em especial os seus genitais, com um lençol furado. O intercuro sexual devia ter uma função exclusivamente reprodutora (LeGoff; Truong, 2006). A propósito, é interessante lembrar que Otto Lara Resende costumava brincar com o reacionarismo de Nelson Rodrigues, chamando-o de “Idade Média”.

Também houve outros períodos e lugares em que a nudez era vista com naturalidade, não existindo a noção de obscenidade ou constrangimento associada a ela. Era até mesmo sagrada, como atestam tantas imagens de vulvas e falos em diversos templos espalhados pelo mundo, inclusive em gárgulas nas igrejas cristãs (Desai, 2000). Na Grécia Antiga, por exemplo, alguns deuses eram representados despidos, sacerdotisas atendiam nuas nos oráculos e atletas competiam nus durante os jogos olímpicos (Yalouris, 2004).

Na contemporaneidade, quando a moralidade patriarcal-burguesa subsiste apenas em alguns nichos religiosos ou comunidades distantes dos centros urbanos, ganhamos domínio sobre nossos corpos e desenvolveu-se uma cultura da exposição pública da intimidade. Com isso, a nudez praticamente não choca mais ninguém, sendo hoje acessível com facilidade na internet. Muitas vezes ela é utilizada na publicidade, para vender produtos ou convencer uma audiência. A prática do nudismo ganha cada vez mais adeptos. Os *reality shows* na televisão incorporam a nudez como elemento da sociedade do espetáculo. Movimentos políticos como o *Free The Nipple* (Liberte o Mamilo), *World Naked Bike Ride* (Passeio Mundial de Bicicleta Nu) e FEMEN utilizam-se da nudez como forma de protesto e repercussão de suas plataformas. Na atual onda do empreendedorismo de si mesmo, o *website* OnlyFans, sediado na Inglaterra, permite que criadores de conteúdo hospedem perfis nos quais disponibilizam vídeos e fotografias em que se exibem nus, com acesso pago por quem deseja visualizá-los. No plano das relações

personais, tornou-se uma tendência, entre namorados e mesmo entre amantes esporádicos, o envio de *nudes* como forma de sedução ou manutenção da chama amorosa.

O desconforto diante da nudez tornou-se quase inexistente, desde que o corpo desnudo se enquadre no estereótipo daquilo que é tido como “saudável”, “bonito” e “apresentável”. O pudor agora se deslocou da nudez em si para as “deformações” corporais: estrias, varizes, gorduras localizadas, flacidez, magreza extrema, rugas, manchas, olheiras, estrabismo, cicatrizes, corcundas, dentes desalinhados ou muito amarelados, partes grandes ou pequenas demais, presença de secreções ou cheiros desagradáveis são o que, em nossos dias, produz mal-estar e vergonha.

A nudez hoje passeia, muitas vezes quase sem transição, entre o sublime, o banal e o grotesco.

Uma nudez degradante contra a libido e o amor

Nelson Rodrigues formou seus valores morais na infância, ao longo da segunda década do século XX, um tempo ainda muito marcado pelas referências culturais estabelecidas no século anterior. O mundo ainda não havia passado pelas guerras mundiais, pela revolução comunista, pela urbanização avassaladora e pelos processos de modernização que marcaram a centúria em que sua vida transcorreu. Mesmo a sua formação como escritor se deu no jornalismo apaixonado dos anos 1920, época em que ele, ainda adolescente, era também ávido leitor da literatura folhetinesca do século XIX.

Quando escreve textos com reminiscências, é comum que Nelson identifique a formação dos seus valores no “Rio de Machado de Assis” (Rodrigues, 1999, p. 57-58), lamentando-se de que a cidade de outrora não exista mais. Contudo, o Rio de Janeiro de sua meninice precisa ser delimitado. Tratava-se, mais exatamente, do subúrbio da cidade, em sua zona norte, onde a modernidade haveria de chegar bem mais tarde em relação aos lugares de prestígio na então capital do país. Nelson Rodrigues não somente reafirmou seus valores “antiquados” ao longo da vida, como sempre se orgulhou de sua condição suburbana. Mesmo o “mau gosto” que as classes altas e médias atribuem aos que têm origem nos subúrbios – a quem elas exploram – era valorizado por ele como fonte de criação estética e expressão do Brasil profundo.

Do moralismo, do antiprogressismo e da nostalgia que Nelson exprimia em suas crônicas jornalísticas veio a pecha de “reacionário” que lhe foi atribuída nos anos 1960, quando ocorria toda uma revolução nos costumes, tanto no Brasil quanto nos países centrais do capitalismo. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que se apresentava como a própria encarnação do arcaico, o escritor realizava, por meio de sua obra, uma criação estética da mais avançada modernidade, revolucionando o teatro no Brasil e praticando uma escrita que incorporava a linguagem brasileira de seu tempo da maneira mais sofisticada e criativa. A propósito, a essência de seu trabalho pode ser identificada nessa tensão constante entre o arcaico e o moderno, que parece nunca se resolver.

No sistema de moralidade burguês de base patriarcal que se consolidou no século XIX, o corpo é rigidamente controlado, e a nudez é vista como algo que nos iguala aos outros animais, despiando-nos também de civilização e cultura, o que põe em risco todo o edifício social. Daí os muitos interditos em torno dela, tão bem condensados no título de uma das peças teatrais de Nelson Rodrigues, misto de mandamento religioso e código de processo penal: *Toda nudez será castigada*. A nudez que leva ao sexo sem amor, que por sua vez leva à degradação moral e à punição, será um tema bastante recorrente tanto em sua ficção quanto em suas crônicas memorialísticas e culturais.

Quais são, em suas obras, os castigos associados à exposição da nudez?

Na peça mencionada, Herculano é um viúvo que não consegue elaborar o luto e fica paralisado afetivamente após a morte da esposa, até o momento em que o irmão, Patrício, traz-lhe uma garrafa de uísque e uma fotografia da prostituta Geni nua. É o que basta para que o viúvo rompa com todos os escrúpulos e vá procurar a meretriz. Com ela, Herculano verá o despertar de uma sexualidade exuberante, a ponto de passar setenta e duas horas na cama, em sua companhia. No entanto, se ele é tomado por uma obsessão por Geni, ela acaba se apaixonando por Serginho, filho de Herculano, jovem de tendências homossexuais que acaba por fugir para a Europa com um ladrão boliviano. A nudez de Geni na fotografia foi o ponto de partida para a punição de todos: avassalada de paixão pelo enteado, ela suicida-se ao perdê-lo definitivamente; Herculano é traído com o próprio filho e abandonado pela bem-amada; Serginho é estuprado na prisão, depois de se envolver numa briga de bar, vindo a fugir do país com o criminoso; Patrício, que tinha dívidas com mulheres e jogo, desejando extorquir o irmão para que ele as saldasse, não consegue o seu intento; as tias solteironas da família, personificação da soberba e da hipocrisia, veem todos os seus membros mergulharem na mais profunda abjeção.

Em *Álbum de família*, o personagem Nonô não apenas conheceu a nudez da própria mãe como a possuiu sexualmente, quando ele tinha treze anos. Depois disso, enlouqueceu, passando a andar nu pelos matos em torno da fazenda de sua família, rosnando, uivando e lambendo o chão. A quebra do tabu do incesto fez com que o rapaz retornasse à animalidade, tornando-se puro instinto. Tia Rute, a solteirona da casa, por sua vez, carrega trauma e ressentimento pelo fato de sua mãe sempre ter assistido aos banhos de sua bela e sexualmente desregrada irmã, quando elas eram menores, não fazendo o mesmo em relação aos seus banhos. Mais uma vez, a nudez desencadeia excessos desumanizadores.

Em *O beijo no asfalto*, depois de torturar psicologicamente Selminha num interrogatório ilegal feito com o delegado Cunha, sem conseguir fazê-la acreditar numa mentira sobre o seu marido, o repórter Amado Ribeiro encerra a sessão desta forma: “Tira a roupa! Fica nua. Tira tudo!” (Rodrigues, 1995b, p. 80). A nudez é novamente associada à degradação, no caso a do policial e a do jornalista sórdidos, que a impingem à moça.

Em *Boca de Ouro*, o protagonista, bicheiro do subúrbio carioca, propõe um concurso de seios para humilhar, diante de Celeste, sua preferida, três grã-finas com quem também se relaciona. Como prêmio ele oferece um caríssimo colar de pérolas. Então, as senhoras da alta sociedade exibem-lhe os peitos, na esperança de ganhar a joia. Mas quando Celeste também se apresenta para mostrar os seus, Boca de Ouro intervém: “Mulher que mostra os peitos não tem vergonha! Você não! Minha vidinha, você não pode!” (Rodrigues, 2004a, p. 231). Por fim, dá o colar a Celeste, comentando após a partida das grã-finas: “Sabe a vontade que me deu? Acender um cigarro e queimar o seio de todas elas!” (Rodrigues, 2004a, p. 232). Outra vez, a nudez remete à degenerescência moral e à necessidade de punição.

Essa visão fará com que Nelson Rodrigues, em diversas de suas obras, manifeste também uma obsessão contra os ginecologistas, profissionais que trabalham não somente com a nudez das mulheres, mas com o que elas possuem de mais íntimo e reservado em seu corpo. Essa especialidade médica é frequentemente ridicularizada em seu trabalho, estando os ginecologistas sempre a um passo de cometer as maiores infâmias, como se mostra nesta passagem do romance *O casamento*, em que o Dr. Camarinha, cujo filho havia cometido suicídio lançando o carro em alta velocidade contra um poste, examina Glorinha, moça de dezoito anos em véspera de se casar. Aqui estão imbricados nudez, sexo e morte:

Glorinha estava na mesa, quieta, os olhos fechados. Ele teve vontade de avançar a cabeça por entre as pernas. O sexo de um rosa vivo de romã fendida. Ali, o cabelo era de um louro, de um louro, não, de um ruivo, sim, ruivo. Por um momento, sonhou com uma posse, não uma posse consentida, mas violenta, cruel. Arrastando-a, nua, pelos cabelos. O seu desejo foi tão brutal que pensou no filho, o filho no necrotério, a cabeça enrolada e um olho aberto, parado de espanto (Rodrigues, 1992, p. 47).

Ver até mesmo a nudez do próprio corpo é sempre algo desagradável e patético, pois nos vemos despidos principalmente dos nossos marcos de civilização e humanidade, além de ficarmos expostos à precariedade da nossa constituição. É o que se mostra nesta passagem do folhetim *Asfalto selvagem*: “É linda demais para mim. Eu sou velho e magro!”. Imaginou-se nu e de sapatos, com as suas canelas espectrais (Rodrigues, 1994, p. 547); ou nesta de *O casamento*:

No quarto, quando se despia (e nunca na presença da mulher), punha-se diante do espelho. Seu rosto tomava a expressão de um descontentamento cruel. Lá estavam as canelas finas, diáfanas, o peito cavado, as costelas de Cristo. Sim, tinha uma nudez de Cristo magro, com um leve, muito leve revestimento de pele. No Colégio Batista, onde fizera o ginásio, era chamado de “Bunda Seca, Bunda Seca” (Rodrigues, 1992, p. 5).

Em suas crônicas culturais, Nelson Rodrigues frequentemente refletia sobre o aviltamento que, a seu ver, a nudez provocava. Para ficar só em 1968, ano que se tornou simbólico das transformações políticas e comportamentais daquela década, ele retorna ao tema muitas vezes, sempre cheio de perplexidade e nostalgia. Em textos posteriormente recolhidos em seus livros *O óbvio ululante* (1993a) e *A cabra vadia* (1995a), o moralismo é evidente:

O Otto gemia: — “Dezoito quilômetros de mulher nua!”. Sentíamos que essa nudez, múltipla, molhada, inédita no mundo, era o aviso de um Brasil novo (“Dezoito quilômetros de mulher nua”, publicada em 27/01/1968).

Hoje, a nudez não custa nenhum esforço. Com dois ou três movimentos, qualquer uma se despe. É, se assim posso dizer, uma nudez fulminante. Na época do espartilho, não. Eu fui, confesso, um menino fascinado pelo espartilho. (...) Não sei se me entendem, mas acho que o espartilho criava entre a mulher e sua nudez, entre a mulher e o pecado, uma distância física e psíquica. Despir-se era um esforço, uma paciência, quase um martírio. E uma

bonita senhora deixava de ser uma Ana Karenina — por preguiça (“Velhos espartilhos”, publicada em 12/02/1968).

As Novas Gerações não conhecem o “pudor físico”. Ainda ontem, passei pela avenida Atlântica. (...) Estava, ali, por certo, um dos brotos mais lindos da Terra. Mas aquela nudez, dentro da luz, não interessava a ninguém. A garota vinha do mar; as gotas se estilhaçavam nas suas costas, no ventre perfeito. E ela, na graça inconsciente do seu gesto, bebia pelo gargalo. O crioulo do Grapete não lhe fazia a concessão de um olhar. Nenhuma curiosidade. Olhava para outro lado e era cego, surdo e mudo para a nudez adolescente, tão próxima, tangível (“Os que esquecem antes de amar”, publicada em 21/02/1968).

Nunca houve um carnaval tão triste, porque nunca houve um carnaval tão nu. (...) Na quarta-feira de Cinzas o brasileiro acordou com este sentimento inexorável: — como é feia, triste, humilhada, ofendida, a nudez sem amor (“A viuvez de *sarong*”, publicada em 29/02/1968).

Como é triste o nu que ninguém pediu, que ninguém quer ver, que não espanta ninguém. O biquíni vai comprar Grapete e o crioulo da carrocinha tem o maior tédio visual pela plástica nada misteriosa. E aí começa a expiação da nudez sem amor: — a inconsolável solidão da mulher (“Flor de obsessão”, publicada em 28/03/1968).

O ideal seria que só o bem-amado pudesse ver um decote. (“O furioso Nelsinho Motta”, publicada em 01/08/1968)

Numa entrevista dada à revista *Veja* no ano seguinte, o escritor reelabora essas ideias:

Veja – Daí a sua aversão ao biquíni?

NR – O biquíni é um caso óbvio. O biquíni é a degradação da nudez. A nudez, para que tenha um valor plástico, para que tenha um interesse visual, na pior das hipóteses, exige o desejo. Mas eu vou além: a nudez exige o amor. Portanto, a nudez sem o desejo e, pior ainda, a nudez sem o amor é o que há de mais feio. (...)

Veja – Mas a culpa é do biquíni?

NR – Não, a culpa é da burrice suicida das mulheres que o usam. No tempo em que a nudez tinha mistérios, tinha suspense, era um dos mais altos bens da mulher. Mesmo a mulher mais destituída de encantos tinha essa nudez latente debaixo do seu vestido. E isso era fascinante. Uma pobre-diaba vestida era salva, não pelo gongo, mas por uma possibilidade de nudez. O biquíni acabou com esse encanto. (...) a mulher mais invisível do mundo é a mulher de biquíni (Rodrigues, 1969, p. 3).

Nessa mesma entrevista, Nelson define-se a si mesmo bem a seu estilo: “Eu sou um pierrô, sou um romântico. Mas o romântico piegas” (Rodrigues, 1969, p. 4). Em sua condição de “romântico piegas”, ele realmente pensava essas coisas sobre a relação das pessoas com o próprio corpo, indo na contracorrente das mudanças pelas quais a sociedade brasileira passava naquele momento histórico, bem como do pensamento então hegemônico. A forma veemente e um tanto exagerada como se expressava está em consonância com a *persona* do “reacionário” que Nelson assumiu naquele momento, após ser assim rotulado por causa das ideias que defendia em entrevistas e nas crônicas ensaísticas que escrevia diariamente. Ele gostava de se colocar no papel do pensador solitário contra a unanimidade ou pelo menos uma sólida maioria. Com frequência, investia contra o biquíni, que, a seu ver, adquiria a dimensão de símbolo da nudez gratuita, desinteressante e mesmo tediosa, praticamente invisível por se mostrar demais. A nudez não solicitada seria responsável por destruir o erotismo e gerar uma incompatibilidade entre os sexos.

Essa aguerrida oposição à nudez faz parte da própria formação de Nelson Rodrigues, pelo que se lê em suas memórias, nas quais ele declara ter sido, desde menino, “o maior pudor físico do Brasil” (Rodrigues, 1999, p. 60). Sua trajetória biográfica está marcada por experiências negativas relacionadas a episódios envolvendo a nudez. Numa delas, durante a infância, ele estava no banho quando foi visto nu por uma tia, vindo a constatar que “nada se compara ao sofrimento infantil, o espanto, o ódio e a cólera. Nunca houve uma nudez tão ofendida, tão humilhada, tão ressentida” (Rodrigues, 1999, p. 61).

Em outra ocasião, ainda na meninice, ele esteve diante da nudez de uma vizinha louca, o que lhe deu um sentimento de “medo e asco” (Rodrigues, 1999, p. 176) em relação aos corpos despidos das pessoas adultas. Ainda em seus verdes anos, durante um carnaval, ele viu o umbigo de uma moça fantasiada de odalisca exposto publicamente, o que escandalizou o subúrbio e provocou no memorialista, décadas mais tarde, esta reflexão: “esse umbigo revelado era pior do que a nudez absoluta” (Rodrigues, 1999, p. 40).

Já na adolescência, um repórter, colega de redação de Nelson no jornal paterno, convidou-o para ir até sua casa ver a nudez de suas irmãs no banho, recebendo a recusa do escritor, que mais tarde refletiria: “Como é que aquele sujeito, ao passar a mão na cara, não sente a própria hediondez?” (Rodrigues, 1999, p. 193).

Em 1962, quando Nelson Rodrigues já era homem feito e figura pública reconhecida, teve repercussão mundial a morte de Marilyn Monroe, encontrada nua em seu quarto depois de supostamente haver cometido suicídio. Ao refletir sobre esse acontecimento, Nelson relaciona-o com uma série de fotografias que a atriz norte-americana tirou, nua, aos vinte e dois anos, para um calendário do ano de 1952. A seu ver, aquela teria sido uma nudez mercenária que a comprometeu pelo resto da vida, a despeito do sucesso que ela obteve ao longo da década que se seguiu: “Ouçam: — Marilyn Monroe morreu porque se despiu sem amor. E aí está a palavra: — amor, amor. Foi o remorso, foi a humilhação da nudez sem amor” (Rodrigues, 1999, p. 26).

Por fim, em sua maturidade, depois de se tornar um popularíssimo cronista de jornal, a nudez de biquíni nas praias do Rio de Janeiro e os “excessos” na exibição do corpo durante o carnaval carioca passaram a ser temas constantes de suas reflexões. Em suas memórias, Nelson leva ao paroxismo essa visão da nudez como coisa hedionda ao concluir que “ninguém se compara à mulher amada e não possuída” (Rodrigues, 1999, p. 267). Tal conclusão remonta a uma fala emblemática de Olegário, protagonista de *A mulher sem pecado*, sua primeira peça:

Mas eu quero te dizer ainda uma coisa. E vou dizer. (*num transporte*) Sabes o que eu acharia bonito, lindo, num casamento? Sabes? Que o marido e a mulher, ambos, se conservassem castos — castos um para o outro — sempre, de dia e de noite. Já imaginaste? Sob o mesmo teto, no mesmo leito, lado a lado, sem uma carícia? Conhecer o amor, mesmo do próprio marido, é uma maldição. E aquela que tem a experiência do amor devia ser arrastada pelos cabelos... (Rodrigues, 2004a, p. 70).

A despeito do brilhantismo da expressão do escritor, é possível notar certa incoerência em suas concepções. Se muitas vezes ele defende que a nudez deve ser exibida apenas para a pessoa amada, em algumas ocasiões chega à conclusão de que nem os amantes devem conhecer a nudez um do outro, sob pena de ela fazer o amor desmoronar. Em sua ficção, é muito comum que isso de fato aconteça depois da lua de mel, quando os amantes entregam um ao outro a própria nudez.

Algo hoje muito perceptível, mas que nos anos 1950 e 1960 passava praticamente sem ser notado, é que a preocupação de Nelson diz respeito, quase sempre, à nudez feminina. A masculina quase nunca é mencionada. O próprio episódio de sua infância em

que ele é surpreendido no banho por uma tia resulta de um encontro accidental, por causa de um defeito no trinco da porta. Naturalmente, na moral patriarcal-burguesa, cabe à mulher, que engravida, um controle absoluto sobre seu corpo e sua sexualidade, para que seja mantida a coesão da família, de modo que os seus bens não se dispersem.

O desnudamento da alma como estratégia literária

Ao mesmo tempo em que reiterava constantemente esse pudor da nudez do corpo, em suas obras Nelson Rodrigues não fez outra coisa que não fosse proceder a um desnudamento da alma humana, daquilo que está enraizado em nós, que desejamos reprimir, mas que costuma vir à tona sob o influxo das paixões, do sofrimento e das situações-limite. Se não foi original por fazer isso, já que muitos escritores antes dele também escarafuncharam o inconsciente e o subconsciente de seus personagens, Nelson o foi pela forma brasileira e universal, de estilo único, desafiadora dos nossos preconceitos. Em seu teatro, nas peças que o crítico Sábato Magaldi classificou como “míticas”, ele vai ainda mais além, explorando os arquétipos, o inconsciente coletivo e as forças vitais da humanidade: “as personagens quebram todas as convenções, para revelarem-se na íntima nudez, equivalendo ao desnudamento do espectador aos próprios olhos” (Magaldi, 1992, p. 40). Em menor grau, Nelson Rodrigues também faz isso em todos os seus outros trabalhos ficcionais.

Ao escancarar artisticamente nossas fantasias e desejos reprimidos, expondo a “abjeção” que habita em nossa psique, o escritor não tem nenhum pejo em expor a chamada “nudez da verdade” essencial de cada um de nós. Conforme suas teorizações, isso é necessário, inclusive, para que possamos aprender a lidar com nosso lado obscuro.

No romance *O casamento*, por exemplo, Monsenhor Bernardo exprime exatamente essa ideia diante de Sabino, um crápula que, por não reconhecer a fragilidade humana em si mesmo, embora viva fantasiando com ela, pratica as maiores torpezas: “Quer saber o que eu diria, se falasse amanhã? Diria que todos nós devemos assumir a nossa miserabilidade. Entende? O homem e a mulher devem juntar as próprias chagas” (Rodrigues, 1992, p. 249). Isso vai ao encontro da “função purificadora” da ficção tal como desenvolvida teoricamente por Nelson Rodrigues numa entrevista que deu à revista *Manchete* por ocasião da estreia de sua peça *Perdoa-me por me traíres*: “a ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil, para que não o sejamos. (...) São

os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los” (Rodrigues, 1957, p. 47).

Sábato Magaldi chega a identificar o cerne do valor da obra de Nelson Rodrigues exatamente nesse desnudamento da condição humana: “Ninguém, antes de Nelson, havia apreendido tão profundamente o caráter do país. E desvendado, sem nenhum véu mistificador, a essência da própria natureza do homem. O retrato sem retoques do indivíduo, ainda que assuste em pormenores, é o fascínio que assegura a perenidade da dramaturgia rodrigueana” (Magaldi, 2005, p. 23).

A ficção de Nelson Rodrigues é pródiga em personagens que precisam se confessar, expondo a miserabilidade de sua condição e realizando esse desnudamento da própria interioridade. Na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*, Peixoto, que, entre outras ignomínias, vendeu-se num casamento comprado, contratou cinco negros para violar a cunhada de dezessete anos, realizando uma fantasia dela, e, no presente da ação, intermedia a compra de Edgard para um casamento cuja função será apenas a de salvar as aparências, preservando a reputação da família da moça, desabafa: “Não há ninguém que trepe na mesa e diga: — ‘Eu sou um canalha!’ Pois bem, eu digo! ‘Eu sou um canalha!’ Digo isso de boca cheia! Sou um canalha!” (Rodrigues, 2004b, p. 219).

Na mesma peça, o milionário Dr. Heitor Werneck, numa festa de grã-finos em seu palacete, propõe que cada um dos presentes se deite num divã para uma sessão de “psicanálise de galinheiro” (Rodrigues, 2004b, p. 312) em que se confessam atos sórdidos que cada um cometeu. Depois de todo um desfile de indignidades, ele mesmo vai ao divã, explicando por que é um patife: “Esse negócio de guerra nuclear. Sei lá se daqui a 15 minutos. Quinze minutos. Vou levar um foguete russo pela cara. Estou dando adeus. Adeus à minha classe, ao meu dinheiro. Estou me despedindo. Posso ser, de repente, uma Hiroshima. Hiroshima, eu. Eu, Nagasaki. Portanto, hoje vale tudo! Tudo!” (Rodrigues, 2004b, p. 313).

Em *Perdoa-me por me traíres*, depois de saber que a adolescente Glorinha, de quem era tutor, estava se prostituindo, Tio Raul decide revelar os segredos que guardava sobre os pais da garota, confessando que era apaixonado pela mãe dela, a quem havia envenenado numa vingança pessoal por nunca ter a sua obsessão correspondida: “Contei a história de tua mãe, porém não te disse que não a amava, que sempre a amei. Ainda

agora, neste momento eu a amo. (*Berrando*) Eu matei a mulher, a cunhada que me repeliu e porque me repeliu” (Rodrigues, 2004a, p. 75, grifo do autor).

Em *A falecida*, Pimentel, num rompante machista, confessa a Tuninho, sem saber que ele era viúvo de sua amante, as vilezas que cometeu com ela em seu primeiro encontro, no banheiro de uma sorveteria (Rodrigues, 2004a, p. 105).

Já vimos Sabino, no romance *O casamento*, conversando com Monsenhor Bernardo. Ele havia procurado o religioso com o desejo de confessar-lhe a sua atração sexual pela filha, embora não o tenha feito.

Há mesmo uma confissão absurda no conto “A eterna desconhecida”, no qual Andrezinho, um *playboy* que se gabava de poder conquistar qualquer mulher, faz este desabafo para os amigos mais íntimos, depois de ser tentado por um colega invejoso que lhe contara haver uma mulher inconquistável no Rio de Janeiro, sem, contudo, revelar-lhe a identidade dessa pessoa: “Estou apaixonado e não sei por quem. Vê se pode?” (Rodrigues, 1993b, p. 145).

Nos anos de 1966 e 1967, Nelson foi apresentador de um quadro na televisão intitulado “A cabra vadia”, em que entrevistava personalidades da cultura brasileira num terreno baldio, na presença solitária de uma cabra que pastava por perto. A ideia era a de que, como o animal jamais cometeria uma inconfidência, o convidado podia dizer tudo, até mesmo as coisas mais vergonhosas, pois a opinião pública não estaria ali para acossá-lo. E, em suas crônicas de jornal, ele costumava fazer “entrevistas imaginárias” (Rodrigues, 1995a, p. 49) com pessoas influentes da época, na presença da mesma cabra vadia. Naturalmente, as respostas imaginárias constituíam as confissões mais comprometedoras. Essas entrevistas acompanhadas pela cabra eram mais uma variação do desnudamento para a exposição da essência humana, algo que fascinava o escritor.

Não se pode esquecer que a cultura cristã, muito especialmente a de base católica, é o pano de fundo das histórias criadas por ele. Nesse sistema de crenças, o sacramento da confissão teria sido instituído por Cristo para que os seus seguidores pudessem ser perdoados de seus pecados, a fim de se reconciliarem com a divindade e receberem a graça da salvação.

No plano da escrita autobiográfica, as memórias de Nelson Rodrigues são, em grande medida, um desnudamento de si mesmo, expondo com franqueza e coragem até

mesmo os momentos em que ele foi mesquinho, sentiu inveja, mentiu, fracassou, foi traumatizado pelo assassinato de um irmão e pela cegueira de uma filha, iniciou-se sexualmente com prostitutas, enfrentou uma miséria desumanizadora e viveu na “casa dos mortos” de um sanatório para o tratamento da tuberculose que o acometeu na juventude. Além disso, era comum que suas crônicas de jornal fossem classificadas como “confissões”, pois ele realmente as fazia em abundância.

Ao lançar na cara do seu leitor ou do espectador de suas peças a brutalidade, a crueza e a animalidade que pulsam no fundo de cada um de nós, precisando ser controladas pelos marcos civilizatórios, ao desnudar as pulsões e fantasias ignóbeis que habitam em nosso espírito e se revelam em nosso cotidiano, Nelson Rodrigues causou escândalo e revolta nas mentalidades conservadoras, sendo taxado de “tarado de suspensórios” (Castro, 1992, p. 243).

As várias proibições de seus trabalhos pela censura das ditaduras varguista e militar, que julgavam suas obras sob um critério estritamente moral, corroboram o desconforto e o medo que elas provocavam. No entanto, essa é uma leitura bastante equivocada. Em primeiro lugar, seus trabalhos devem ser julgados essencialmente do ponto de vista estético, no que eles são extraordinários. Em segundo lugar, não há dúvida de que Nelson era um moralista, embora atípico, e seus textos são obras moralizadoras. Basta ver o que acontece, em quase todos os seus trabalhos, com aqueles que rompem com os parâmetros da convivência civilizada, deixando vir à tona os seus monstros interiores. Os personagens do escritor estão sempre por um triz de fazer isso. E os que o fazem encontram sempre a loucura, o isolamento, o crime ou a morte.

Considerações finais

Nelson Rodrigues era a própria encarnação da tensão entre o arcaico e o moderno, e isso está refletido em seus trabalhos. Por um lado, a moral patriarcal-burguesa, decadente em seu tempo de vida, está na base de suas crenças, dando sustentação a comportamentos convenientes que seus personagens desejam ou são constrangidos a desempenhar, muitas vezes não o conseguindo. Por outro, como artista, ele e sua obra são a realização do que há de mais moderno na literatura e no teatro brasileiros, o que se evidencia pela construção de uma *persona* pública de escritor, pela promoção publicitária de seu trabalho, pela constante provocação de seu público, pela incorporação de conquistas das vanguardas do início do século XX, pelo abraço ao modernismo e

dos tipos que retratava, pelo jogo com o grotesco e o sublime e pela exploração da psique profunda do ser humano. Nem é preciso dizer o quanto essa tensão entre arcaico e moderno, tão característica de seu trabalho, é também a própria definição do Brasil, como já mostraram tantos trabalhos nos campos da sociologia e da história.

Os temas da nudez e do desnudamento retratam bem essa tensão. Se a nudez remete à faceta do Nelson “reacionário”, a do desnudamento o faz em relação à do Nelson “tarado”. Hoje, quando o código de moralidade que se construiu com a ascensão da burguesia não dita mais os comportamentos prevalentes nos centros urbanos, quando a psicanálise se desenvolveu e trouxe à luz as nossas pulsões e desejos mais recônditos, quando a arte moderna já chocou o seu público de todas as formas imagináveis, podemos contemplar a arte de Nelson Rodrigues como ela é: potente, brasileira e universal, bem-humorada, humana, única.

Referências

- BOLOGNE, Jean-Claude. **História do pudor**. Rio de Janeiro: Elfos, 1986.
- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DESAI, Devangana. **Khajuraho**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- FREUD, Sigmund. Sonhos embaraçosos de estar despido. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: volume 4**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MAGALDI, Sábato. **Moderna dramaturgia brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MAGALDI, Sábato. **Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- MERCADANTE, Luiz Fernando. Eu sou um ex-covarde (entrevista com Nelson Rodrigues). **Veja**, [S. l.], p. 3-6, 4 jun. 1969.
- RODRIGUES, Nelson. **A cabra vadia: novas confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.
- RODRIGUES, Nelson. **A coroa de orquídeas e outros contos de “A vida como ela é...”**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993b.
- RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RODRIGUES, Nelson. **Asfalto selvagem**: engraçadinha, seus amores e seus pecados. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. Nosso teatro precisa de loucos. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 269, p. 43-47, 15 jun. 1957.

RODRIGUES, Nelson. **O beijo no asfalto**: tragédia carioca em três atos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995b.

RODRIGUES, Nelson. **O óbvio ululante**: primeiras confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1993a.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**: tragédias cariocas, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004a.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**: tragédias cariocas, vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004b.

YALOURIS, Nicolaos. **Os jogos olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2004.

Recebido em 17/12/2024.

Aceito em 20/10/2025.